



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – Ano XI – Agosto 2005.

EDITORIAL

Agosto, mês de desgosto e de Folclore.

Teria sido o imaginário popular o criador dessa sina do mês de agosto? Ou de uma elite intelectual para sintetizar as crenças populares nos dias fastos e nefastos segundo as tradições da Roma clássica e generalizando-as num calendário positivista para todo um mês segundo os preceitos de Augusto Comte? Isto quer dizer que muito do “nosso” folclore é criação dos folcloristas?

Os estudos dos folcloristas não nos ajudam a compreender a imposição dessas crenças no imaginário popular. Cascudo reserva um verbete no mais do que clássico *Dicionário do Folclore Brasileiro* sem se aprofundar no assunto. Na obra, *Superstição no Brasil*, este mesmo autor não faz qualquer referência a agosto. Uma senda importante é oferecida pelo doutor Oswaldo Cabral em *A medicina teológica e as benzeduras*. Cabral lista, comenta e situa no calendário de festas cada algumas centenas de santos e como são invocados contra doenças. Agosto se inicia com São Lourenço, prossegue com São Roque e chega ao final com São Bartolomeu. Todos eles são advogados contra a peste, doenças contagiosas, o medo e as possessões.

São Lourenço abre o calendário apontando para o risco dos incêndios e das queimadas, São Roque – 16 de agosto – recorda a peste e São Bartolomeu – 24 de agosto – sublinha as queimaduras. Há ainda outros santos pouco presentes no imaginário popular, São Luiz rei de França, lembrado pelas ordens terceiras de São Francisco - 25 de agosto protetor dos deficientes visuais e auditivos, Santo Hipólito que também morreu queimado e São João Batista, cuja degolação se comemora. Os santos celebrados têm em comum terem sido traídos..

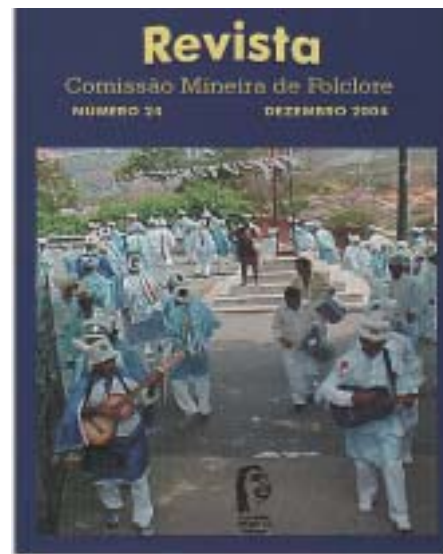
Pois bem, agosto é também o mês dos cachorros doidos, dos ventos fortes onde o capeta aparece nos redemoinhos, as queimadas se alastram sem controle, as chuvas prolongam a estação da seca, as infecções intestinais se tornam mais freqüentes e a mortalidade geral cresce.

Contudo, a presença desses fenômenos deve ser contextualizada. Não se pode generalizar para todo

o Brasil o patronato desses santos tanto quanto não é possível instituir as determinações dos fenômenos climáticos para todas as povoações. Isto nos lembra que as obras gerais de Folclore são principalmente roteiros de temas de pesquisa as quais devem ser aprofundadas nos estudos locais. O caráter nacional ou mesmo regional pretendido por muitos estudos de Folclore resultam da crença na “cultura” como um fenômeno que se manifesta independente das relações concretas das pessoas.

O mérito dessas obras é de resenhar um conjunto de temas relevantes para um maior aprofundamento e sua debilidade se mostra quando se pretende dogmáticas, enfatizando a autonomia dos padrões culturais.

Esses foram os desafios enfrentados pela comissão responsável pela 43ª semana de Folclore de Minas Gerais.



Veja nesta Edição:

- ❖ **Agenda - 2 - 3**
- ❖ **Artigos e contribuições - 4 - 5**
- ❖ **Resenhas - 6 - 7**

AGENDA

ACONTECIDOS

➤ Congresso Estadual do Ceará

A Comissão Cearense de Folclore realizou nos dias 21, 22 e 23 de agosto, o seu Congresso estadual, enfatizando o tema: Folclore tradição dinâmica - novas abordagens. A amplitude dos temas de palestras, mesas redondas e grupos de trabalho deixaram evidente o poder de mobilização, organização e captação de recursos. A Comissão Mineira se congratula com nossos colegas e deseja que Fortaleza se candidate com força para acolher o Congresso Brasileiro de Folclore de 2008. Informações adicionais podem ser obtidas no endereço: www.cefetce.br/ccf/normas.htm.

➤ XII Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste - CISO

Aconteceu no Campus da UFPA nos dias 17, 18, 19 e 20 de abril de 2005 em Belém - Pará

➤ Festa de São Benedito em Justinópolis

No último domingo, 22/05, aconteceu em Justinópolis, Região Metropolitana de Belo Horizonte, a Festa de São Benedito.

Logo pela manhã, na Praça da Matriz, foi encenada a Liberação dos Escravos, onde tenho o prazer de fazer a Princesa Isabel. Os negros, acorrentados, andaram pelas ruas juntamente com as guardas de Congo e Moçambique e o grupo de Cavaleiros. Tivemos ainda a presença do sr. Sinval (Chico Rei coroado pela Federação dos Congadeiros), Manoel dos Reis (Presidente da Federação dos Congadeiros de MG) e da Vereadora Lurdinha Menezes (no papel de Sinhá, desde 2001).

Em cortejo, após a liberação dos escravos, todos seguiram para a Igreja do Rosário, onde foi servido o almoço e às 18 horas celebrada a missa, com descoroação do Rei de Ano e coroação dos atuais Reis.

Fico muito honrada em participar de momentos como esse, principalmente ao ver como a família do Capitão Zezé se mantém unida. Isso nos mostra que a tradição que vem passando de geração a geração se manterá viva. Que Nossa Senhora do Rosário os abençoe para que possam manter a riqueza da cultura popular.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!
Andréia Patrícia / Justinópolis (escreveu)

➤ Comissão Mineira perde Lúcia Machado de Almeida - membro fundadora.

Membro fundadora da Comissão Mineira de Folclore faleceu em São Paulo, onde passou a residir. Lúcia deixou uma produção intelectual importante especialmente de literatura universal adaptada para crianças. Era casada com Antônio Joaquim de Almeida, também membro fundador da Comissão Mineira de Folclore, o qual a antecedeu nessa viagem definitiva para o Além.

➤ 43ª Semana Mineira de Folclore

Realizou-se de 22 a 26 de agosto, a 43ª Semana Mineira de Folclore. A programação da Semana foi precedida da exposição de estandartes de Nossa Senhora do Rosário no SESC-Laces- 3 de agosto, e do curso Folclore Aplicado na Escola - 17-19 agosto, endereçado a professores dos cursos médio e fundamental. A Semana se iniciou com a cerimônia de Lançamento da obra Saul Martins e se encerrou com a posse dos novos membros e o lançamento da Revista Comissão Mineira de Folclore 24.



AGENDA

➤ **Saul Martins lança *Panorama***

Folclórico

Em solene abertura da 43ª Semana de Folclore, Saul Martins, presidente de honra e membro fundador da Comissão Mineira de Folclore, autografou a obra *Panorama Folclórico*. A obra, segundo o autor constitui-se como o segundo volume de *Folclore Teoria e Método*, publicada em 1987.



Com esta publicação, Saul diminui seu débito para com o público estudioso do Folclore. O autor tem ainda mais dez obras inéditas,

entre elas um importante Dicionário do Artesanato.



➤ **Hildegardes se despede**

Amigos,

Cumprimo-me comunicar-lhes com grande pesar o falecimento da nossa Presidente de Honra, Professora Hildegardes Vianna, ontem, 13/06. Como folclorista, dedicou toda sua vida com grande empenho, alegria e determinação à causa do folclore. Que seu exemplo seja um estímulo para todos os que se dedicam à pesquisa, estudo e divulgação das raízes culturais do povo brasileiro.

Doralice F. Xavier Alcoforado Presidente da Comissão Baiana de Folclore

Não teremos mais a presença animadora dessa baiana que vai à guerra. Em Goiânia sua ausência foi sentida e lamentada e, nos próximos congressos o vazio será definitivo. No Congresso do Rio Grande do Sul, Hildegardes se jactava de se valer dos benefícios da idade. Que benefício ela nos prestou com sua alegria e determinação!

➤ **Novos membros efetivos da CMFL.**

A Semana de Folclore de 2005 foi encerrada com a posse de novos membros efetivos.

Elieth Amédia de Sousa, pesquisadora da Fundação João Pinheiro. Elieth cursou Ciências Sociais e foi monitora do Museu de Antropologia, sob direção de Saul Martins. Esse museu é atualmente denominado Saul Martins e se encontra na cidade de Vespasiano.

Edileila Portes, cursou pós-graduação em Folclore e Cultura Popular, no ano de 1998, curso oferecido pela Comissão Mineira de Folclore, em parceria com o Centro Universitário Newton Paiva. Edileila tem se notabilizado pela divulgação das artes plásticas populares tanto no Brasil quanto na Europa.



➤ **Weitzel é homenageado na Semana de Folclore**

Antônio Henrique Weitzel comemorou 40 anos como membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore no dia 22 de agosto de 2005 e mereceu os aplausos de todos os presentes na seção de encerramento.



➤ **Revista Comissão Mineira de Folclore - edição número 24.**

Publicada até 1998 com o nome de Boletim da Comissão Mineira de Folclore, por deliberação da Assembleia Geral, passou a se intitular Revista Comissão Mineira de Folclore. A edição de número 24, foi lançada oficialmente no dia 26 de agosto na seção de encerramento da Semana de Folclore.



ARTIGOS

➤ Coronel folclorista e cientista social



Saul Alves
Martins
completará, no

dia 1 de novembro de 2005, 88 anos. Certamente não haveria data melhor para simbolizar uma criança que nasceu prematura e da qual o saber médico não esperava nenhuma sobrevivida, se não por milagre.

Graças a Todos os Santos, Saul está cheio de vida, possuidor de uma memória surpreendente e pronto para editar pelo menos dez obras inéditas. Ao sobreviver contra a lógica do saber oficial, Saul nasceu folclorista. Quis Deus e Todos os Santos que o menino fosse um barranqueiro do São Francisco e lhe destinou ainda jovem um lugar no “corpo policial”, para pagar esse “tributo de sangue” que a ordem republicana reservou ao Norte de Minas, segundo comentário do jornal *Estrela Polar*.

Pois bem, mas o jovem Saul se interessou pela ação de uma polícia bem estranha à ordem: *Antônio Dó* é sua primeira obra e ela põe no centro das ações um “cangaceiro” lutando pelo que compreende como Justiça. Contrapõe a ordem do Estado à do mandonismo local; a burocracia à lealdade senhoril.

O policial militar, Saul Martins, envolve a corporação em pesquisa da economia popular, com ênfase para o artesanato, a indústria caseira e os expedientes de subsistência. Por este caminho, encontra o curso de Ciências Sociais e nele se torna professor.

Eram os anos de 1964. Na universidade o militar era o mal. Eis Saul, o “professor-coronel” em sala de aula de um curso de Ciências Sociais. Muitos se intimidam, outros se recolhem. Alguém descobre a diferença: “Saul não é um militar como os outros. Ele ama o povo.”

Amar o povo era uma dupla contradição. Não se esperava isso nem do militar, nem do professor universitário. O militar nos anos de repressão deveria temer o povo e enquadrá-lo no devido lugar. Quanto ao professor, ver o povo como cheio de maus costumes e avesso à modernidade. Saul estava na contramão.

Foi na contramão que chegou à chefia do Estado Maior da Polícia Militar, Chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia, Secretário Executivo e Presidente da Comissão Mineira de Folclore. Tudo, graças a Todos os Santos.

Nascer prematuro é guardar um grande segredo.

A Obra de Saul Martins

Na oportunidade em que Saul publica o segundo volume de seu *Folclore, teoria e método* que leva o nome de *Panorama Folclórico*, vale a pena percorrer as obras mais importantes desse autor.

A obra de Saul caminha do local para o universal. *Antonio Dó, A dança de São Gonçalo* e *Os Barranqueiros* são as três primeiras obras, embora as datas de publicação não obedeçam a cronologia da criação. O autor não reconhece *Antônio Dó* como trabalho de folclorista, no entanto, ela decorre de seu apreço de conhecer e se aprofundar em estatutos arcaicos das relações de poder, fenômeno muito pouco estudado pelos folcloristas.



A dança de São Gonçalo recupera um ritual de rara beleza e muito pouco conhecido, favorecendo a compreensão da intimidade com o sagrado e instigando o estudo da fertilidade e do prazer no imaginário popular.

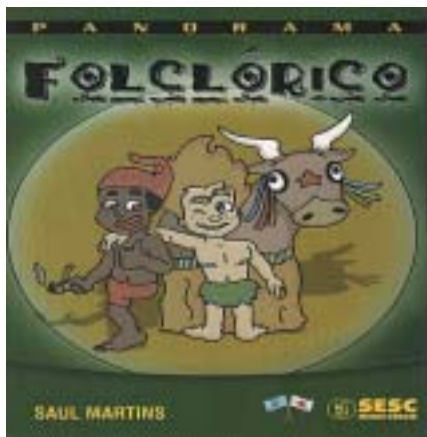
Os Barranqueiros retratam os costumes populares de uma região cultural bem específica, os ribeirinhos do São Francisco. Com essa obra, Saul inaugura uma temática importante, aprofundada posteriormente por Donald Pierson e sua equipe em *O homem no Vale do São Francisco* e por Zanoni Neves em *Navegantes da integração: os remeiros do rio São Francisco*.

A segunda fase da obra de Saul compreende seu crescente interesse pelo artesanato, a indústria caseira. Ela se estende por duas décadas – de 1950 a 1970, e evidencia o pesquisador de campo e o envolvimento com uma causa – *Uma oficina em cada lar*. A síntese desse percurso é a obra que resultou de sua tese de doutoramento – *Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato*. Inúmeros subprodutos dessa fase ainda aguardam publicação, entre eles o *Dicionário do Artesanato* – obra da maior relevância para orientar estudos e pesquisas na área da economia popular.

A terceira fase é a do professor de Folclore. Ministrando a disciplina Antropologia no curso de Ciências Sociais Saul cuidou de elaborar nesses anos o que resultou em *Folclore: teoria e método* – 1986 e, finalmente, em *Panorama Folclórico* cujo lançamento ocorreu no dia 22 de agosto de 2005, marcando a abertura da 43ª Semana Mineira de Folclore.



A diferença entre *Folclore: teoria e método* e *Panorama Folclórico* é principalmente de público. A primeira obra se destina principalmente ao público acadêmico, preferencialmente aos cursos de Ciências Sociais. Mesmo acreditando que a obra possa ser útil a todos os estudiosos, ela surgiu das aulas ministradas na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG – FAFICH.



Já *Panorama Folclórico* visa a um público muito mais abrangente. Ela pode servir, tanto às mães e pais na educação de seus filhos, aos professores do fundamental e do grau médio, quanto aos alunos de cursos superiores interessados.

Todas as obras de Saul têm em comum o empenho na comunicação, por isso o autor elabora uma linguagem que esteja o mais próximo possível do leitor-povo. Como já disse – Saul ama o povo. Essa é sua marca.

Para encerrar estes comentários, um ponto a ressaltar é que nenhuma das obras de foi publicada em edição comercial de ampla circulação. As obras de Saul circulam quase como “cordel”. Esgotam-se na primeira feira e são copiadas pelos leitores interessados, contrariando a lei de direitos autorais, mas reconhecendo o prestígio do autor.

José Moreira de Souza

MARTINS, Saul Alves. *A dança de São Gonçalo: Folclore*. 2.ed. Belo Horizonte: Edições Mantiqueira, 1954.

A primeira edição desta obra foi publicada em 1953 nos números 5 a 8 da Revista *Libertas* de Belo Horizonte. A publicação de 1954, ano do IV Centenário da Cidade de São Paulo e do Congresso Internacional de Folclore é uma marca importante na trajetória de Saul como estudioso da cultura popular.

O autor registra as seguintes obras já prontas, examinadas por comissões de premiação e todas recomendadas para publicação. *Antônio Dó*, recomendada pela comissão do 5º Concurso de Monografias sobre Folclore Nacional promovido pela Discoteca Pública Municipal de São Paulo. *As diversões* – Um capítulo do folclore norte-mineiro do Vale do Rio São Francisco.

A publicação dessa obra foi recomendada pela comissão do 6º Concurso. *Artes e ofícios caseiros*, concorrente ao 7º concurso recebeu o prêmio em dinheiro de CR\$10.000,00 (dez mil cruzeiros), ou como queria o povo, dez contos de réis. Enumera ainda *Barranqueiros – Lendas, costumes, tradições, dialetologia norte-mineiros do Vale do Rio São Francisco*, ao que parece ainda não submetida a nenhuma premiação e uma obra em elaboração intitulada *A queima de Judas no Brasil*.

A dança de São Gonçalo é um modelo de monografia bem elaborada e pode ser considerada como um paradigma de pesquisa e preparação de relatório. A importância de Aires da Mata Machado Filho na formação do autor bem como a participação no 1º Congresso Brasileiro de Folclore de 1951 são expressamente reconhecidas pelo autor como determinantes de sua conduta como pesquisador.



Saul mostra neste estudo a articulação bem sucedida de duas correntes interpretativas, a que orienta os folcloristas e a que ilumina os estudos antropológicos. De um lado, a sistematização do conhecimento da realidade próxima vivida pelo autor – o folclorista, de outro o esforço de recuperar de outros estudos semelhanças e diferenças – orientação do antropólogo. Desse modo o livro se divide em duas partes; na primeira, o leitor conhece a festa e a dança de São Gonçalo de Januária, do espaço vivido. Tradição, motivação, ladainhas e orações, rodas ou langas, versos e música, contradança são aspectos destacados dos registros da vivência da festa local. A segunda parte é reservada aos “Confrontos”. Essa é a vez de percorrer a bibliografia pertinente para avaliar a profundidade e abrangência dessa manifestação religiosa e popular.

A diferença entre o folclorista e o antropólogo que enfatizamos aqui, dificilmente convencerá o próprio autor. Contudo, entendemos que o folclorista estuda o popular que não lhe é estranho, ao contrário do antropólogo que busca exatamente compreender o estranho, o diferente. Saul impõe essa distinção no plano dessa obra, mesmo que discorde desta conclusão do leitor.

Em nossa compreensão ela é tanto mais importante quando se nota que as doutrinas dos folcloristas da época insistiam na valorização das monografias locais, doutrina que se materializou posteriormente no *Manual de Coleta Folclórica* e no *Inteligência do Folclore* Renato Almeida.



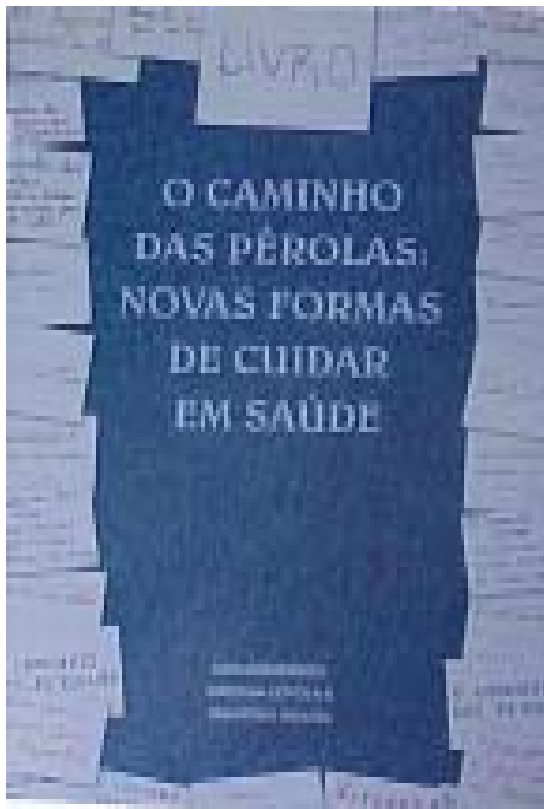
Resenhas

As aventuras de Tião Rocha

Quando Saul dedicou o livro *Arte popular figurativa* a Tião Rocha, ele mal havia sido admitido como membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore e era um ilustre desconhecido da maioria. À mesma época, Tião apresentou um projeto ousado para apreciação da Assembléia Geral. O projeto implicava em levantamento das manifestações da cultura popular e em captação de recursos. A discussão exigiu uma intervenção de Aires da Mata Machado o qual pronunciou algumas palavras de advertência e censura à condução das discussões: “O que vocês estão dizendo mostra que não sabem ouvir. Se vocês tivessem a minha condição – Aires era dotado de algo próximo de 5% de visão – certamente prestariam mais atenção ao que foi dito.” E teceu largos elogios à proposta de Tião.

O que estava em pauta, penso hoje, pode se resumir na palavra “aventura” e emprego-a no sentido etimológico – aventura – “para o que há de vir”; ou seja, o aventureiro é o que está pronto para encarar o que há de vir e o antecipa e o persegue obstinadamente sem temer surpresas.

Faço esta rápida introdução para apresentar aos leitores os relatos dos resultados mais recentes do trabalho desse aventureiro. Eles se encontram materializados nas obras: *O caminho das pérolas: novas formas de cuidar em saúde*. São Luís (Maranhão): Unigraf, 2002. e *Araçuaí: de UTI educacional a cidade educativa – álbum de histórias*. Belo Horizonte/Araçuaí: CPCD, 2005.



O *caminho das pérolas* apresenta relatórios de atividades coordenadas pelos organizadores – Cristina Loyola e Sebastião Rocha – que articulam a experiência do Projeto Viva a vida, criação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com a do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, elaboração do folclorista Tião Rocha. O título “Caminho das Pérolas” chama a atenção para a busca de uma alternativa diferente. Não se trata de encontrar o caminho das **Pedras** mas das jóias, das **pérolas**. Nisso, a diferença é enfatizada a todo momento. O caminho das pedras busca um objetivo externo a ele ou é apenas um percurso árduo no qual se contam mais as quedas do que o prosseguir; no caminho das pérolas, o caminho é o próprio objetivo. Não existe nada além do caminhar.

O relatório de trabalho de cada equipe mostra o esforço de preparação para a viagem ao longo do percurso e o cuidado de reconhecer na caminhada a graça dos andarilhos. A metáfora do “Azul das Ondas” que calou fundo na alma de cada participante despertou cada um para a caminhada entre pérolas e sobre pérolas. Não se trata de recolhê-las, mas de tê-las no caminho.

O que possibilita a valorização do azul e a contemplação das pérolas? O respeito à pragmática do saber popular, ao qual Tião dá o nome de os “saberes e os fazeres”.

Um dos desafios dos folcloristas tem sido de andarem a reboque das inovações tecnológicas. Muitos, exasperados, clamam contra a avalanche das ondas de modernidade e da cultura de massas, da indústria cultural que não pede licença nem desculpas. O *caminho das pérolas* visualiza outras possibilidades: como dialogar e aprender com a pragmática do saber popular para atender a objetivos de políticas públicas que sejam vantajosas aos sujeitos desse saber. Alguns títulos de relatórios evidenciam o cerne do diálogo: “Flor de mãe e o aleitamento materno exclusivo” é, talvez, o mais criativo. Mas, todas as equipes se incorporaram na aventura de inserir a pragmática do saber popular nos programas até então impositivos das políticas públicas de saúde voltadas para atenção ao hipertenso, à amamentação, à gravidez e à saúde mental.

Araçuaí: de UTI educacional a cidade educativa reproduz a aventura mais recente de Tião e sua comunidade. Os relatos do percurso em andamento pelos caminhos das pérolas levam o aventureiro à afirmação de que tudo passa pela educação. Afinal tem sido essa convicção que o levou de Curvelo às aldeias de Moçambique, a Santo André (SP), Porto Seguro (BA),



Laranjal do Jarí (AP), Pinheiro (MA) e a Divinópolis e Governador Valadares em Minas Gerais.





O dito popular “quem pode, pode; quem não pode, se sacode”, tem em Araçuaí marcas cruciais que escondem as pérolas entre as pedras. No Jequitinhonha, a palavra corrente na conversa entre as pessoas é: “fulano é gente que pode”. A distinção entre quem pode e quem não pode está visceralmente colada á pragmática do saber popular. Quem pode, pode tudo e quem não pode, não pode nada. Isso demarca a supremacia do mandonismo local deixando os não poderosos à mercê dos poderosos. Não ter acesso às informações do que se passa no resto do mundo é apenas consequência de não poder. O “analfabetismo precoce” encontrado pelo grupo do CPCD é apenas uma das consequências desse “não poder”. A aventura de transformar Araçuaí em Cidade Educativa torna-se um projeto necessário que deve abranger todo o Jequitinhonha.

“Uma cidade educativa é uma teia de aprendizagem permanente”, declara Tião em entrevista a Rosângela Guerra, jornalista incluída no projeto. O caminho das pérolas consiste em trabalhar com o óbvio, a educação é produto e processo dos “educadores sociais” e neles às mães e os pais cuidadores assumem lugar de relevo. A articulação dos cuidadores com a escola atapeta o caminho de pérolas, garantido um trabalho “junto à escola, e não no lugar dela”.

A experiência de colocar a serviço do povo a sua pragmática de saber dessa vez foi mais longe. A moral da história é que “o povo pode”; o que Tião declara em outras palavras:

Pela primeira vez no Brasil, uma organização não governamental assumiu uma secretaria municipal e sem ônus algum para os cofres municipais. (...) Durante 17 meses eu fui org. e gov. não usei uma única vez o carro ou o telefone da secretaria ou sequer uma

folha de papel. Tudo que precisamos foi garantido pelo CPCD. (...) O que aprendemos com isso? Muita coisa. Uma delas é que o serviço público é mesmo lento, moroso, burocratizado, mas não é monolítico. Quando se quer, de fato, é possível muda-lo mas dá trabalho. (...) A burocracia não favorece, só dificulta, porque ela é excludente.”

Esta última constatação de que a burocracia é excludente, desvenda o legendário saber popular dos que não podem do Vale do Jequitinhonha. O aprisionamento do Estado pelos que podem tem um alvo preciso, demarcar os que podem de um lado, dos que não podem, de outro. Isso tudo em nome da racionalidade burocrática, do Estado de Direito, da Cidadania, da transparência e todas as pedras que devem ser colocadas para o tropeço da marcha dos que não podem.

As duas obras comentadas aqui revelam as consequências de lidar com a pragmática do saber popular. Elas vão muito além do aproveitamento puro e simples desse saber para promoção de espetáculos ou para a contemplação de turistas piedosos.



Revista da Comissão Mineira de Folclore nº 25

- Os estudiosos interessados em contribuir com artigos para a edição de nº 25 da Revista Comissão Mineira de Folclore, podem enviá-los até o dia 30 dezembro de 2005.

A nova edição será lançada no mês de fevereiro de 2006, na Assembléia Geral comemorativa do aniversário da Comissão Mineira de Folclore.

Serão selecionados os artigos que obedecerem aos seguintes critérios:

O artigo deve ser inédito, ter título, nome do autor, dados de currículo em até três linhas, resumo de até 10 linhas e palavras chave.

O texto propriamente dito deve ter introdução apresentando o plano de redação, títulos para as seções e bibliografia, devidamente revisados pelos autores.

Mapas, figuras e gráficos devem compor arquivo à parte.

Dimensão: de 15 a 30 páginas, tamanho A4, corpo 12, tipo Times New Roman, entrelinha 1,5, justificado, em Word.

Apenas será publicado um artigo de cada autor. A revisão dos editores será apenas quanto à formatação.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Ano 11 – Agosto de 2005.

Diretor Responsável – Kátia Cupertino

Fotos: José Moreira de Souza

Editores Gráficos: José Moreira de Souza

Impressão: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Diretoria da CMFL

Presidente de Honra: Saul Alves Martins

Presidente: Kátia Cupertino

Vice-presidente: José Moreira de Souza

Secretária: Danielle Gomes de Freitas

Tesoureiro: Maria Agripina Neves

Conselho Consultivo da CMFL

Antônio Henrique Weitzel

Edméia da Conceição Faria de Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

Endereço para Correspondência

Av. Assis Chateaubriand, 809 - Centro

Comissão Mineira de Folclore / CTM

Anexo à Serraria Souza Pinto.

CEP – 30150-101 Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br

